

“A imprensa está aberta”: disputa de poder e autoridade nos paratextos de *The Rehearsal Transpros’d* (1672-1673)

“The Press is Open”: the Struggle for Power and Authority in the Paratexts of *The Rehearsal Transpros’d* (1672-1673)

Verônica Calsoni Lima

Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Departamento de História, Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais. Uberaba, MG, Brasil.

veronica.lima@uftm.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-4090-9476>

Resumo: Este artigo examina os paratextos de *The Rehearsal Transpros’d* (1672-1673), sátira de Andrew Marvell, editada por John Darby e Nathaniel Ponder, sobre a liberdade de culto. Seus *imprints*, prefácios, folhas de rosto e licenças evidenciam tanto a intervenção da censura quanto as estratégias do autor e dos editores para assegurar sua circulação. Argumentamos que esses paratextos funcionavam como instrumentos de disputa política, revelando embates entre o controle das autoridades e as reivindicações pelo caráter aberto da imprensa. Por fim, a reflexão permitiu evidenciar concepções de público e esfera pública na Inglaterra da Época Moderna.

Palavras-chave: Paratextos na Época Moderna; Censura; Imprensa.

Abstract: This article examines the paratexts of *The Rehearsal Transpros’d* (1672-1673), a satire by Andrew Marvell, edited by John Darby and Nathaniel Ponder, dealing with freedom of worship. Its imprints, prefaces, title pages, and licenses reveal both the intervention of censorship and the strategies employed by the author and editors to ensure its circulation. We argue that these paratexts functioned as instruments of political dispute, exposing clashes between the authorities’ control and the

claims for an open press. Finally, this reflection shed light on conceptions of the public and the public sphere in Early Modern England.

Keywords: Early Modern paratexts; Censorship; Press.

Em *Seuils* (1987), Gérard Genette explorou aquilo que chamou de “paratextos”, isto é, aquele “certo número de produções, verbais ou não” que cercam e acompanham os textos, como títulos, prefácios, dedicatórias e posfácios.¹ Em sua concepção, os paratextos seriam fundamentais para a compreensão das obras, guiando suas possíveis leituras e auxiliando na construção da figura de seus autores. Centrado na literatura dos séculos XIX e XX, Genette não se ocupou de alguns elementos paratextuais já em desuso naquele contexto: as licenças, os *imprints* e outras marcas (textuais ou não) de autorização das publicações. Na Época Moderna, tais documentos correspondiam às determinações das autoridades censoras (leigas e eclesiásticas) e às regulações do mercado livreiro. Eles atestavam privilégios e monopólios de impressão, bem como garantiam a conformidade dos textos com a política, a religião e a moral das sociedades nas quais circulariam. Embora não tenha mencionado tais elementos paratextuais, o trabalho de Genette não deixa de ser importante para compreendê-los. Como argumentamos em outro lugar, mais do que um catálogo de paratextos, Genette nos oferece uma chave de leitura do valor paratextual, isto é, da função que títulos, dedicatórias, prefácios, posfácios, licenças, entre outros, cumprem “na circulação e recepção” dos documentos.² Por meio do exame da paratextualidade, podemos nos colocar num lugar privilegiado “entre o dentro e o fora”³ dos objetos de análise, mirando, ao mesmo tempo, os processos e sujeitos que os constituíram, além das sociedades que os cercaram, consumiram e atravessaram.

É a partir dessa perspectiva sobre a paratextualidade que o presente artigo está assentado. Nele, pretendemos escrutinar as folhas de rosto, as licenças, os *imprints*, os prefácios e outros paratextos relativos às autorizações (ou não) para a impressão e comercialização de diferentes edições de *The Rehearsal Transpros’d*, lançadas entre 1672 e 1673. Escrito pelo poeta Andrew Marvell (1621-1678), e editado pelo impressor John Darby (?-1704) e pelo

Este artigo resulta do projeto “A função social dos paratextos no período moderno” (Edital Universal CNPq/MCTI nº 10/2023 – Processo 403863/2023-6), coordenado por Andréa Doré. O trabalho também contou com o apoio da Chetham’s Library (Manchester, Reino Unido) e com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – Processos 2017/06970-2 e 2018/03730-3), bem como do programa de estágio de pesquisa da Houghton Library da Universidade de Harvard (Visiting Fellowship for 2023-2024). Agradeço a André Sekkel Cerqueira, Andréa Doré, André de Melo Araújo, Thomás Haddad e Luís Filipe Silvério Lima pela leitura e pelos comentários à primeira versão do texto.

¹ Gérard Genette. *Paratextos Editoriais*. Cotia: Ateliê, 2009, p. 9.

² Andréa Doré, André de Melo Araújo, Thomás A. S. Haddad, Verônica Calsoni Lima e Luís Filipe Silvério Lima. “Paratextos e Paratextualidade na Época Moderna: Limiares, Funções e Transformações”. In: *Anais do Museu Paulista*, 33 (2025), pp. 1-35, p. 28.

³ Gérard Genette. *Paratextos Editoriais*, op. cit. p. 10.

livreiro Nathaniel Ponder (1640-1699), o texto esteve envolto em diversas tensões. Satírica, a obra criticava posturas do governo e da Igreja, bem como ridicularizava figuras importantes da Inglaterra da segunda metade do século XVII. Além do conteúdo escandaloso, as próprias circunstâncias da publicação do texto foram controversas. Inicialmente, o *imprimatur* — espaço reservado à demonstração da censura, que autoriza ou não a publicação e a circulação da obra — lhe foi negado pelo Inspetor da Imprensa [*Surveyor of the Press*], Sir Roger L'Estrange (1616-1704), mas depois assegurado pelo rei Carlos II (1630-1685), que gostava da comicidade de Marvell.

A análise dos paratextos de *The Rehearsal Transpros'd* nos possibilita discutir as práticas da cultura escrita da Inglaterra dos seiscentos e acessar as disputas político-religiosas do contexto da Restauração, momento de conturbada reestruturação da monarquia e da Igreja oficial, depois dos 20 anos de convulsão revolucionária. Mais do que fazer um escrutínio dos elementos preambulares da obra, nossa proposta aqui é tratar de uma história que só pode ser percebida pela paratextualidade, pois é por meio dela, e não do texto propriamente dito, que podemos acessar intrincados debates e disputas. São os paratextos das edições de *The Rehearsal Transpros'd* que nos possibilitam compreender embates pelo poder e pela autoridade de se dirigir ao público em discussões sobre assuntos de amplo interesse, como a política e a religião.

Dedicatórias, prólogos e prefácios costumam ser elementos privilegiados pelos estudos paratextuais, mas como demonstraremos ao longo deste artigo, licenças, *imprints* e outras marcas da atividade censora — geralmente menos pesquisados — também nos proporcionam informações fundamentais para a compreensão dos livros, panfletos e outros textos enquanto documentos históricos. Mesmo no caso do mundo inglês, no qual as licenças eram sensivelmente mais curtas do que no mundo ibérico — onde encontramos longos pareceres sobre os textos publicados —, é possível, por meio desses espaços reservados para o controle das publicações, examinar práticas do mundo letrado.⁴ Para analisar esses elementos paratextuais, organizamos nossa argumentação em três partes. Primeiro, ambientamos a publicação de Marvell na década de 1670, apresentando o poeta e seus interlocutores, uma miríade de autores, impressores, livreiros e licenciadores. Na segunda parte, discutimos a paratextualidade de diferentes edições de *The Rehearsal Transpros'd*. Por fim, apontamos como os paratextos da obra reivindicam um espaço de discussão público e aberto, desafiando as estruturas de poder vigentes.

⁴ Sobre as licenças em espaços além da Inglaterra, ver: Maria Teresa Esteves Payan Martins. *A censura literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005; Isabel Almeida. "O que dizem 'licenças'. Ecos da fama da Clavis Prophetarum". *Românica*, 18 (2009), pp. 27-57; Fernando Bouza. *Dásele licencia y privilegio: Don Quijote y la aprobación de libros en el Siglo de Oro*. Madrid: Ediciones Akal, 2020; Márcia Abreu. "Ler como censor: censura em Portugal, na França e no Vaticano entre o final o século XVIII e o início do XIX". *ArtCultura*, 24, 44 (2022), pp. 43-60.

Andrew Marvell e a cultura impressa da Inglaterra da Restauração

The Rehearsal Transpros'd circulou inicialmente de forma anônima, mas seu autor era Andrew Marvell, figura célebre e polêmica nos mundos da política e das letras na Inglaterra dos seiscentos. Ao longo de toda a sua carreira, Marvell mudou de posicionamento com frequência. Capaz de se adaptar a diferentes conjunturas, o escritor era como um “camaleão”.⁵ Natural de Hull, na região leste de Yorkshire, Marvell estudou no Trinity College de Cambridge. Lá, recebeu uma educação puritana, mas também teve uma breve aproximação do catolicismo. Depois da morte de seu pai, usou a herança para viajar pelos Países Baixos, pela França, pela Itália e pela Espanha. Ao sair da Inglaterra em 1642, evitou os primeiros episódios da Revolução que acabara de eclodir. Retornou às Ilhas Britânicas cinco anos depois, quando ainda era um defensor da monarquia. Mas sua posição logo mudou. Em 1650, publicou *An Horatian Ode*, poema que, apesar de lamentar a execução de Carlos I (1600-1649), louvava as vitórias militares do general Oliver Cromwell (1599-1658) na Irlanda e via com otimismo os desdobramentos da nascente república. Durante o protetorado cromwelliano, foi secretário do general John Thurloe (1616-1668), que atuava no Conselho de Estado, e publicou diversos poemas em homenagem ao Lorde Protetor. Ainda que por poucos meses, Marvell assumiu um assento na Câmara dos Comuns em 1659. Nos anos seguintes, integrou os debates do Rota Club, grupo republicano liderado por James Harrington (1611-1677). Com a Restauração de Carlos II em 1660, conseguiu voltar ao Parlamento, pois, diferentemente de seus companheiros do Rota Club, não era um completo opositor da monarquia.⁶

Seu apoio ao regime, no entanto, não era incondicional. Logo nos primeiros anos do novo governo, Marvell foi contrário às medidas restritivas do primeiro Conde de Clarendon, Edward Hyde (1609-1674), que promoveram a perseguição à dissidência religiosa. O escritor também criticou as desastrosas campanhas militares inglesas nas guerras contra a Holanda, por meio dos polêmicos poemas da série *Advices to a Painter* (1665-1667).⁷ Além disso, mostrou-se receoso com a recente aproximação entre Carlos II e Luís XIV da França (1638-1715), considerando os acordos financeiros e diplomáticos entre os dois monarcas potencialmente perigosos, pois poderiam levar à Inglaterra o modelo de governo francês (“absolutista”) e a religião romana (“papista”). O problema do papismo aparecia com frequência nas obras de Marvell. Defensor da tolerância religiosa e da liberdade de pensamento, o poeta tinha reservas com

⁵ A expressão é de: Nigel Smith. *Andrew Marvell: the chameleon*. New Haven: Yale University Press, 2010.

⁶ W. H. Kelliher. “Marvell, Andrew (1621–1678), poet and politician.” *Oxford Dictionary of National Biography*, 2004. Disponível em: <https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-18242>. Acesso em 22 de julho de 2025.

⁷ Martin Dzelzainis. “Andrew Marvell and the Restoration Literary Underground: Printing the Painter Poems”. *The Seventeenth Century*, 22, 2 (2007), pp. 395–410.

relação à coroa, que, por vezes, fazia concessões a católicos enquanto limitava os não conformistas.⁸

Na época de Marvell, a questão religiosa era motivo de especial tensão entre a monarquia e o Parlamento. Carlos II não se opunha à promoção da tolerância. O Parlamento, contudo, temia as consequências que isso poderia oferecer à ordem política, sobretudo no que tangia à possível admissão de católicos nas Ilhas Britânicas. Em março de 1672, o monarca tentara passar uma Declaração de Indulgência, mas foi barrado pela assembleia, que pressionou para a sua revogação. Mais do que isso, os membros do Parlamento forçaram o rei a promulgar leis mais restritivas, especialmente, em relação à participação de católicos em cargos administrativos. Tais propostas surgiam justamente quando o irmão do rei, Jaime (1633-1701), o Duque de York, aparecia como o principal sucessor do trono, já que o monarca não tinha filhos legítimos do sexo masculino. Em 1673, o Duque admitiu publicamente sua confissão católica, aumentando as ansiedades em torno do futuro da religião oficial do reino. Rumores de complôs papistas para o assassinato de Carlos II e a coroação precoce de Jaime II circulavam amplamente. Ao longo das décadas subsequentes, esse impasse desembocaria na Crise de Exclusão — na qual a assembleia tentaria impedir o Duque de assumir o trono — e na Revolução Gloriosa — que efetivamente deporia Jaime II, católico, e entronaria os protestantes Guilherme de Orange e Maria Stuart.⁹

Foi em meio a essa tensão político-religiosa que Marvell escreveu *The Rehearsal Transpros'd*. Lançado na segunda metade de 1672, o texto tinha um alvo preciso: Samuel Parker (1640-1688), teólogo e licenciador da imprensa, que atuava como prebendário da Catedral da Cantuária.¹⁰ Em 1669, Parker havia publicado *A Discourse of Ecclesiastical Polity*, tratado no qual defendia que a administração da Igreja era um assunto de Estado. O rei, enquanto soberano, detinha plenos poderes para arbitrar sobre a religião, não dependendo das inclinações do Parlamento ou do povo. Sua defesa da prerrogativa régia com relação à fé do reino foi repetida em trabalhos subsequentes, nos quais também atacou os não conformistas por sua dissidência política e religiosa. Esse era o caso de obras como *A Defence and Continuation of Ecclesiastical Polity* (1671) e do prefácio que redigiu para a publicação póstuma do arcebispo de Armagh na

⁸ Stephen Bardle. *The Literary Underground in the 1660s: Andrew Marvell, George Wither, Ralph Wallis, and the World of Restoration Satire and Pamphleteering*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

⁹ Jonathan Scott. *Algernon Sidney and the Restoration crisis, 1677-1683*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991; Gary Stuart De Krey. "The First Restoration Crisis: Conscience and Coercion in London, 1667-73". *Albion*, 25, 4 (1993), pp. 565-580; Gary Stuart De Krey. *London and the Restoration, 1659-1683*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005; Tim Harris. *Restoration: Charles II and his kingdoms, 1660-1685*. London: Penguin, 2006; Steven Pincus. *1688: The First Modern Revolution*. New Haven: Yale University Press, 2009.

¹⁰ Andrew Marvell. *The Rehearsal Transpros'd: Or, Animadversions Upon a late Book...* London: Printed in the Year, 1672.

Irlanda, John Bramhall (1594-1663), intitulada *Vindication of himself and the Episcopal Clergy from the Presbyterian Charge of Popery* (1672).¹¹

A oposição às falas de Parker foi expressa de maneira vigorosa e inventiva tanto no conteúdo quanto na forma de *The Rehearsal Transpros'd*. O oitavo,¹² de pouco mais de 300 páginas, era completamente anônimo. Não carregava em sua folha de rosto (Figura 1) nenhuma menção ao nome de Andrew Marvell ou de seus editores, o impressor John Darby e o livreiro Nathaniel Ponder, personagens conhecidos do mercado de textos controversos e não conformistas em Londres, que, durante a Restauração, estiveram envolvidos em contendas com as autoridades, sendo presos e processados em diversas ocasiões.¹³

¹¹ Jon Parkin. "Parker, Samuel (1640–1688), bishop of Oxford." Oxford Dictionary of National Biography, 2004. Disponível em: <https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-21336>. Acesso em 22 de julho de 2025.

¹² Fórmula colacional: [1], B-X⁸, Y1-Y3. Medidas aproximadas: 17cm x 9,8cm.

¹³ John Stephen Tawhana Hetet. *A literary underground in Restoration England: printers and dissenters in the context of constraints, 1660-1689*. Tese de Doutorado em Literatura Inglesa: University of Cambridge, 1987; Beth Lynch. "Mr. Smirke and 'Mr. Filth': A Bibliographic Case Study in Nonconformity Printing". *The Library*, 1, 1 (2000), pp. 46–71; Joseph Hone. "John Darby and the Whig Canon". *The Historical Journal*, 64, 5 (2021), pp. 1–24; Verônica Calsoni Lima. *Da edição à sedição: a composição e a dispersão de impressos radicais na Inglaterra, 1650-1680*. Tese de Doutorado em História Social: Universidade de São Paulo, 2023.

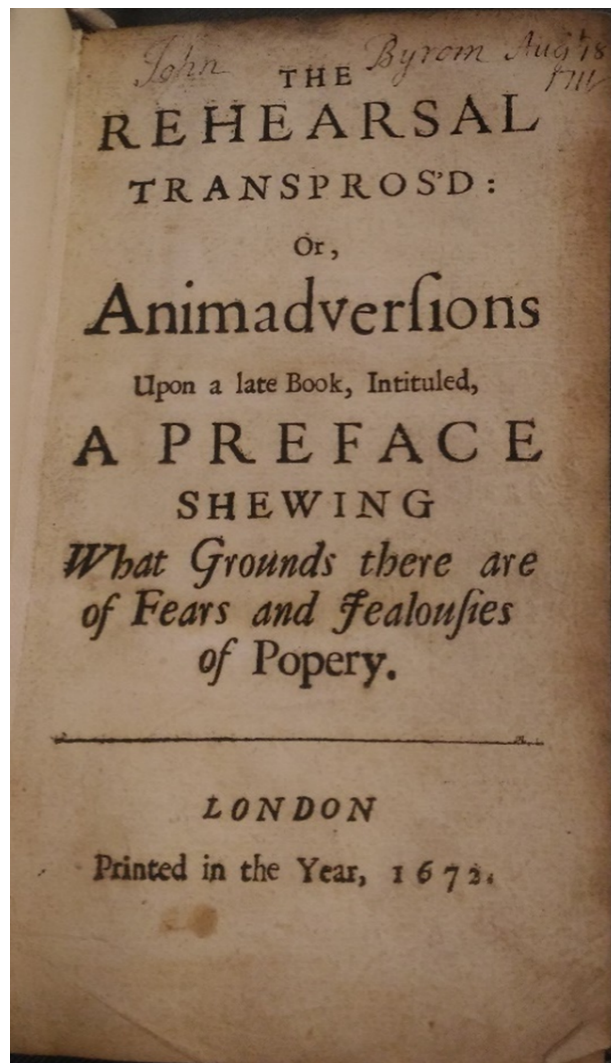


Figura 1 – Chetham's Library, Byrom 2.K.2.33

O potencial polêmico de *The Rehearsal Transpros'd* certamente foi importante para a decisão de suprimir todos os nomes de sua folha de rosto. Embora diferentes normativas exigissem a menção aos autores e aos responsáveis pelas publicações logo em suas primeiras páginas, o anonimato não era incomum. De fato, a prática era utilizada com frequência para evitar reprimendas e contornar as leis vigentes, como era o caso da Lei de Impressão [*Printing Act*]. Promulgada em 1662, a norma restringia o mercado livreiro e previa penas para publicações de cunho sedicioso. Entre outras coisas, a lei reforçava a necessidade do licenciamento prévio;¹⁴ do registro das obras na Companhia dos Estacionários [*Stationer's Company*];¹⁵ e da ostentação de um

¹⁴ Estabelecida no reinado de Henrique VIII (1491-1547), a prática do licenciamento exigia o escrutínio dos textos por parte de bispos, conselheiros régios ou doutos das universidades de Oxford e Cambridge. Apenas as obras que tivessem licença poderiam ser impressas e comercializadas. Frederick Seaton Siebert. *Freedom of the Press in England, 1476-1776*. Urbana: University of Illinois Press, 1965.

¹⁵ Sob Maria I (1516-1558), parte da responsabilidade pela fiscalização do mercado livreiro passou à Companhia dos Estacionários, que determinava a necessidade de

imprint completo nas folhas de rosto, contendo os nomes dos autores, impressores, livreiros-editores e licenciadores das publicações.¹⁶

O recurso ao anonimato em *The Rehearsal Transpros'd*, portanto, era estratégico do ponto de vista legal, pois despistava as autoridades censoras. Não obstante, tal opção também foi mobilizada como estratégia retórico-poética, servindo para potencializar os efeitos satíricos do texto.¹⁷ Isso se deu porque a obra foi construída como paródia de uma peça recente e de grande sucesso: *The Rehearsal*, de George Villiers (1628-1687), segundo Duque de Buckingham.

Em *The Rehearsal*, o Duque de Buckingham fazia o escárnio de um dos seus maiores adversários nos campos político e literário, o poeta John Dryden (1631-1700), referido na obra como Bayes. Na peça, Bayes era um dramaturgo plagiador, que nada fazia de original. Seu método criativo consistia em transformar uma prosa já existente em verso (*transverse*) e vice-versa (*transprose*).¹⁸ Hábil em imitações e paródias, Marvell adotou uma estratégia semelhante à de Bayes: ele “transprosou” (*transpros'd*) o trabalho poético de Buckingham, fabricando sua primeira publicação em prosa. Ao fazê-lo, Marvell prescindia da declaração de autoria, já que *The Rehearsal Transpros'd* atingiria seus propósitos satíricos no próprio ato de “transprosear”. Para completar o arco, o texto também tomou de empréstimo a figura de Bayes, usando-a agora para ridicularizar Samuel Parker, seu alvo e opositor.

A paródia foi, ainda, amplificada pelos artifícios tipográficos de Darby e pela edição de Ponder. Comum entre as polêmicas impressas, a *mise-en-page* de *The Rehearsal Transpros'd* era composta por uma mistura de tipos romanos e itálicos para representar visualmente as diferentes vozes presentes na obra.¹⁹ O itálico servia para destacar os trechos extraídos ou emulados a partir dos textos de Parker, buscando mostrar e combater os argumentos do teólogo, que defendiam a uniformidade religiosa. Por exemplo, em *The Rehearsal Transpros'd*, Parker-Bayes declarava que a fé era “*Prerrogativa da Mente*”, mas considerava que tal “*Liberdade de Consciência em matéria de Culto Religioso*” era análoga àquela relativa às “*Questões de Justiça e Honestidade, isto é, uma Liberdade de Julgamento, mas não de Prática*”. Essa última, postulava, era atributo exclusivo

registro das publicações, conferindo o direito de cópia [*right in copy*] a seus membros. *Idem*.

¹⁶ “Charles II, 1662: An Act for preventing the frequent Abuses in printing seditious treasonable and unlicensed Bookes and Pamphlets and for regulating of Printing and Printing Presses”. In: John Raithby (ed.). *Statutes of the Realm*. Vol. 5: 1625-80. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/statutes-realm/vol5/pp428-435>. Acesso em 30 de maio de 2019.

¹⁷ Annabel M. Patterson. *Censorship and Interpretation: The Conditions of Writing and Reading in Early Modern England*. Madison: University of Wisconsin Press, 1984; Thomas Keymer. *Poetics of the Pillory: English Literature and Seditious Libel, 1660-1820*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

¹⁸ George Villiers. *The Rehearsal, As it was Acted at the Theatre-Royal*. London: Printed for Thomas Dring, at the White-Lyon, next Chancery-lane end in Fleet-street, 1672.

¹⁹ Jesse M. Lander. *Inventing polemic: religion, print, and literary culture in early modern England*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

do rei.²⁰ Os tipos romanos, por sua vez, eram empregados para sinalizar as respostas (ainda anônimas) de Marvell, que contrariavam as teses do teólogo com humor. Falando de “coisas sérias ridiculamente” e de “coisas ridículas seriamente”, *The Rehearsal Transpros’d* descreditava os posicionamentos de Parker e declarava que as pessoas expressavam sua fé para além do âmbito privado e limitado de suas consciências.²¹ Para Marvell, aqueles chamados de dissidentes, não conformistas e fanáticos eram os verdadeiros fiéis, pois seguiam os ensinamentos de Deus, e não os sacramentos instituídos por autoridades mundanas.²²

O tom desafiador de Marvell também era explicitado no prefácio de *The Rehearsal Transpros’d*. Nele, o autor retratava Parker como um homem arrogante, que queria, inutilmente, evitar debates, propondo que nada mais fosse dito depois da publicação de suas próprias obras. Porém, segundo Marvell, Parker armara uma armadilha para si mesmo: estava fadado a responder a tudo o que lhe contradissesse para manter a postura prepotente daquele que tinha a última palavra. Se esse fosse o caso, Parker apenas se envergonharia frente ao público, pois a imprensa não possibilitava o silêncio sobre assuntos de interesse geral:

A Prensa (aquela Máquina vil) inventada ao mesmo tempo que a Reforma, causou mais danos à Disciplina da nossa Igreja, do que toda a Doutrina pode reparar. Era uma época feliz Quando todo o Aprendizado estava em Manuscrito, e algum pequeno Oficial, como nosso Autor, guardava as Chaves da Biblioteca. Quando o Clero não precisava de mais conhecimento do que ler a Liturgia, e os Leigos não precisavam de mais Escriturários do que para salvá-los da Força. Mas agora, desde que a Prensa veio ao Mundo, tal é o dano, que um Homem não pode escrever um Livro sem logo ser respondido. Se a Prensa pudesse ser conjurada uma vez para obedecer apenas a um *Imprimatur*, nosso Autor não poderia desdenhar talvez de ser um de seus Patronos mais zelosos. Houve maneiras de banir Ministros, de multar não apenas o Povo, mas até mesmo o Terreno e os Campos Onde eles se reuniam em conventículos: Mas nenhuma Arte ainda poderia impedir essas reuniões sediciosas de Letras. Dois dos três Companheiros musculosos em um Canto, com apenas Tinta e Graxa no Cotovelo,

²⁰ No original: “Prerogative of the Mind”; “Liberty of Conscience in matters of Religion Worship”; “Affairs of Justice and Honesty; that is to say, a Liberty of Judgement, but not of Practice”. Tradução livre, itálicos do original. Andrew Marvell. *The Rehearsal Transpros’d*, op. cit. p. 99.

²¹ No original: “serious things ridiculously”; “ridiculous things seriously”. Tradução livre. *Idem*, p. 106.

²² Michael McKeon. “Marvell discovers the public sphere”. In: Christopher D’Addario e Matthew C. Augustine (orgs.). *Texts and readers in the Age of Marvell*. Manchester: Manchester University Press, 2018, pp. 56-74.

causam mais danos do que cem Teólogos Cismáticos com sua Pregação suada.²³

Com essa consideração, *The Rehearsal Transpros'd* não apenas se dirigia à contenda com Samuel Parker, mas ridicularizava as recentes tentativas do governo e da Companhia dos Estacionários de cercear a imprensa. O *imprimatur*, exigido em todas as publicações legais, convertia-se em personagem ao qual a própria prensa de tipos móveis desobedecia com facilidade.

Marvell, nesse trecho, talvez respondesse também à colocação de Roger L'Estrange, feita alguns anos antes de sua nomeação para o posto de Inspetor da Imprensa: "Há muito se Questiona se a invenção da tipografia não trouxera mais malefícios do que benefícios para o mundo cristão".²⁴ Para L'Estrange, não havia dúvidas de que a prensa era mal utilizada por autores, impressores e livreiros, que atacavam o governo e a religião. *The Rehearsal Transpros'd* endossava a afirmação de que a tipografia causara "danos à Disciplina" eclesiástica, mas o fazia com ironia. O clero estava confortável demais com seus dogmas e não precisava se esforçar para mantê-los. No entanto, a imprensa permitia que todos, mesmo os leigos "musculosos [...] com apenas Tinta e Graxa no Cotovelo",²⁵ desafiassem as autoridades estabelecidas.

Como *The Rehearsal Transpros'd* demonstrava na prática, aqueles operadores das "máquinas vis", com suas tintas e papéis, deslegitimariam (ou tentariam deslegitimar) a autoridade de Samuel Parker, Roger L'Estrange e outros sujeitos em posição de poder, colocando-lhes provocações perspicazes. Os paratextos das novas impressões do texto nos permitem evidenciar esses desafios, por isso, voltamo-nos agora a eles.

A paratextualidade em *The Rehearsal Transpros'd*

²³ No original: "The Press (that villanous Engine) invented much of the same time with the Reformation, that hath done more mischief to the Discipline of our Church, than all the Doctrine can make amends for. 'Twas an happy time When all Learning was in Manuscript, and some little Officer, like our Author, Didi keep the Keys of the Library. When the Clergy needed no more knowledg then to read the Liturgy, and the Laity no more Clerkship than to sabe them from Hanging. But now, since Printing came into the World, such is the mischief, that a Man cannot write a Book but presently he is answered. Could the Press but once be conjured to obey only an *Imprimatur*, our Author might not disdain *perhaps* to be one of its most zealous Patrons. There have been wayes found out to banish Ministers, to fine not only the People, but even the Ground and Fields Where they assembled in Conventicle: But no Art yet could prevent these seditious meetings of Letters. Two of three brawny Fellows in a Corner, with meer Ink and Elbow-grease, do more harm than an hundred Schismatical Divines with their sweaty Preaching." Tradução livre, itálicos do original. Andrew Marvell. *The Rehearsal Transpros'd*, op. cit. pp. 5-7.

²⁴ No original: "It has been made a Question long agoe, whether more michief then advantage were not occasion'd to the Christian world by the Invention of Typography." Tradução livre. Roger L'Estrange. *A Rope for Pol. Or, A hue and Cry afer Marchemont Nedham*. London: Printed in the Year, 1660, fl.2.

²⁵ Andrew Marvell. *The Rehearsal Transpros'd*, op. cit. p. 7.

A história da produção e da circulação de *The Rehearsal Transpros'd* é exemplo de como a imprensa tornava-se mais difícil de controlar na Inglaterra da segunda metade do século XVII. O texto satírico facilmente poderia ser indiciado pelas leis do *scandalum magnatum* ou do *seditious libel*,²⁶ por difamarem a figura de um clérigo como Parker; ou pela Lei de Impressão, por carecer de qualquer registro e licença. Não obstante, conter sua circulação provou-se impossível. Em 20 de novembro 1672, Benjamin Woodroffe (1638-1711), professor de Oxford e capelão do Duque de York, escreveu a *Theophilus Hastings* (1650-1701), nono Duque de Huntington, para expressar suas preocupações com a obra, dizendo que havia

[...] um livro que eu não posso recomendar à vossa Senhoria, mas porque todo mundo o lê, é apropriado que vossa Senhoria não o ignore; chama-se *Rehearsal transposed*. Foi impedido de circular, mas sua compra foi novamente permitida.²⁷

A obra teve uma recepção consideravelmente ampla e positiva. O texto foi elogiado por muitos, inclusive por católicos, devido à sagacidade da escrita de Marvell.²⁸ Mesmo entre aqueles que discordavam dos posicionamentos da obra, *The Rehearsal Transpros'd* teve algum efeito, mobilizando a publicação de respostas e novas sátiras, que emulavam o estilo de Marvell (emprestado de Buckingham).²⁹

²⁶ O estatuto do *scandalum magnatum*, existente na Inglaterra desde o século XIII, dava amparo a processos para punir quem atentasse contra a honra de membros da nobreza. Desde o século XVII, a lei do *seditious libel*, originada a partir do direito romano, considerava que calúnias proferidas (por meio oral ou escrito) contra pessoas públicas eram mais graves do que aquelas contra pessoas privadas, pois, no limite, resvalavam sobre as instituições que os alvos da difamação representavam (como o clero, a realeza, o sistema jurídico etc.). Frederick Seaton Siebert. *Freedom of the Press*, op. cit.; Philip Hamburger. "The Development of the Law of Seditious Libel and the Control of the Press". *Stanford Law Review*, 37, 3 (1985), pp. 661-765.

²⁷ No original: "[...] a book that I cannot recommend to your Lordship, but because everyone reads it, 'tis fit your Lordship should not be ignorant of it; 'tis called the *Rehearsal transposed*. It hath been stopped from spreading, but it again allowed to be bought." Tradução livre. Historical Manuscript Commission. *Report on the manuscripts of the late Reginald Rawdon Hastings, Esq. of the Manor House, Ashby de la Zouch*. Vol. II. London: Her Majesty's Stationery Office, 1928, pp. 160-161.

²⁸ Nigel Smith. *Andrew Marvell*, op. cit. p. 344.

²⁹ Ver, por exemplo: Henry Stubbe. *Rosemary & Bayes, or, Animadversions upon a treatise called, The rehearsall trans-prosed...* London: Printed for Jonathan Edwin, at the Three Roses in Ludgate-street, 1672; *S'too him, Bayes, or, Some observations upon the humour of writing Rehearsals transpros'd*. Oxford: [s. n.], 1673; Richard Leigh. *The transproser rehears'd, or, The fifth act of Mr. Bayes's play...* Oxford: Printed for the Assignes of Hugo Grotius, and Jacob Van Harmine, on the North-side of the Lake-Lemane, 1673; *A Common-place-book out of The rehearsal transpros'd digested under these several heads...* London: Printed for Henry Brome, at the Gun at the West end of St. Pauls, 1673; Edmund Hickerlingill. *Gregory, Father-Greybeard, with his vizard off, or, News from the Cabal in some reflexions upon a late pamphlet entituled, The rehearsal transpros'd...* London: Printed by Robin Hood, at the Sign of at the Sign of the He-Cow I. O. if it be not a Bull, on the South-west and by West end of Lake-lemane and sold by

Talvez por conta do sucesso da publicação, John Darby e Nathaniel Ponder tenham tentado registrá-la na Companhia dos Estacionários, enquanto preparavam uma segunda impressão. Entretanto, a empreitada foi frustrada pelo Inspetor da Imprensa. Desde o início dos anos 1660, L'Estrange já havia encabeçado diversas contendas contra Marvell, Darby, Ponder e outros agentes do mercado livreiro pelos seus frequentes abusos da imprensa.³⁰ A situação, agora, não era diferente. Em dezembro de 1672, o censor proibiu a Companhia dos Estacionários de registrar *The Rehearsal Transpros'd* sob o nome de Ponder. Paralelamente, L'Estrange também solicitou ao secretário de Estado a prisão de Darby.³¹

A impressão da segunda tiragem do texto foi interrompida temporariamente. Para reverter a decisão do Inspetor, Nathaniel Ponder buscou a ajuda do Conde de Anglesey, Arthur Annesley (1614-1686), grande defensor da tolerância religiosa na Inglaterra da Restauração e, por isso, um frequente contato de não conformistas em apuros. Dono de uma biblioteca de mais de 30 mil itens, Anglesey também era um ávido leitor e patrono da literatura. Próximo a Marvell e a agentes do mercado livreiro, o Conde foi fundamental para a soltura de Darby e a subsequente continuidade da produção de *The Rehearsal Transpros'd*. Anglesey levou o assunto até a corte de Carlos II e, tendo uma resposta favorável por parte do rei, deslegitimou a decisão do Inspetor da Imprensa. O Conde afirmava que o próprio monarca havia gostado da obra e aprovava sua circulação. Para Carlos II, Parker havia errado ao falar contra a tolerância e *The Rehearsal Transpros'd* tentava corrigir esse erro, mesmo que por meios escusos. Diante disso, o censor se viu forçado a recuar, mas insistiu na necessidade de que a obra fosse revisada e expurgada. L'Estrange, por isso, a corrigiu, suprimindo passagens escandalosas na frente de Ponder, pois "[...] não gostava de mexer nas cópias de outros homens sem o conhecimento e consentimento do autor".³² Na ausência de Marvell, ainda anônimo nessa altura, Ponder era o responsável legal por *The Rehearsal Transpros'd*. Tal reconhecimento foi reforçado em mais uma fala de L'Estrange, que declarava ter revisado o texto não por qualquer concordância com seu conteúdo, mas "[...] apenas para preservar sua propriedade [de Ponder]". Com isso, o censor

Nath. Brooke at the Angel in Cornhil, 1673; *An Apology and advice for some of the clergy, who suffer under false and scandalous reports written on the occasion of the second part of The rehearsal transpros'd...* London: Printed for A. E., 1674. Note-se que, entre as respostas a *The Rehearsal Transpros'd*, encontramos uso de *imprints* jocosos. Richard Leigh reivindica a autoridade de Hugo Grotius, e o anônimo autor de *Gregory, Father-Greybeard*, busca legitimidade na figura fictícia de Robin Hood.

³⁰ Verônica Calsoni Lima. *Da edição à sedição*, op. cit.

³¹ Stationers' Company. *Court Book D*. London, 1654-1679, fl.208v, 210-210v.

³² No original: "[...] he did not like to tamper with other men's copies without the privity and allowance of the author". Tradução livre. Historical Manuscripts Commission. *Seventh Report of the Royal Commission on Historical Manuscripts*. London: Her Majesty's Stationery Office, 1879, pp. 517-518.

indicava que, apesar de ter sido forçado a fazer vistas grossas para *The Rehearsal Transpros'd*, não pretendia "autorizar sua publicação".³³

As alterações propostas por L'Estrange jamais foram acatadas.³⁴ No entanto, a nova tiragem, publicada ao fim de 1672 num oitavo³⁵ de 330 páginas, trazia algumas diferenças. O nome de Marvell ainda não estampava a folha de rosto, mas nela havia informações adicionais. Além da declaração de que se tratava de uma segunda versão aumentada e corrigida, o texto agora tinha um *imprint* completo, porém jocoso. Ao pé da página (Figura 2), dizia-se que a obra fora "Impressa por J.[ohn] D.[arby] pela Ordem de João Calvino e Theodore de Beza, sob o sinal da Indulgência do Rei, [...] e vendida por N.[athaniel] Ponder."³⁶ O *imprint* configurava uma afronta direta aos censores que tentaram restringir *The Rehearsal Transpro'd*, colocando-o sob a proteção simbólica dos dois grandes reformadores protestantes, Calvino e Beza, e da figura do rei para legitimar sua existência. Assim, o lugar reservado a um elemento paratextual destinado ao controle das publicações era subvertido, transformando-se em mais uma sátira contra as autoridades censoras.

³³ No original: "[...] it was intended only to save his propriety"; "to authorise the publication of it." Tradução livre. *Idem*.

³⁴ *Idem*; Michael Perceval-Maxwell. "Annesley, Arthur, first earl of Anglesey (1614–1686), politician". *Oxford Dictionary of National Biography*, 2004. Disponível em: <https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-562>. Acesso em 24 de julho de 2025.

³⁵ Fórmula colacional: [2], B-X⁸, Y1-Y3. Medidas aproximadas: 17cm x 9,9cm.

³⁶ No original: "Printed by J. D. for the Assigns of John Calvin and Theodore Beza, at the sign of the King's Indulgence, [...] and sold by N. Ponder". Tradução livre, itálicos do original. Andrew Marvell. *The Rehearsal Transpros'd; Or, Animadversions Upon a late Book... The second Impression, with Additions and Amendments*. London: Printed by J. D. for the Assigns of John Calvin and Theodore Beza, at the sign of the King's Indulgence, on the South-side the Lake-Lemane; and sold by N. Ponder in Chancery Lane, 1672, fl.1.

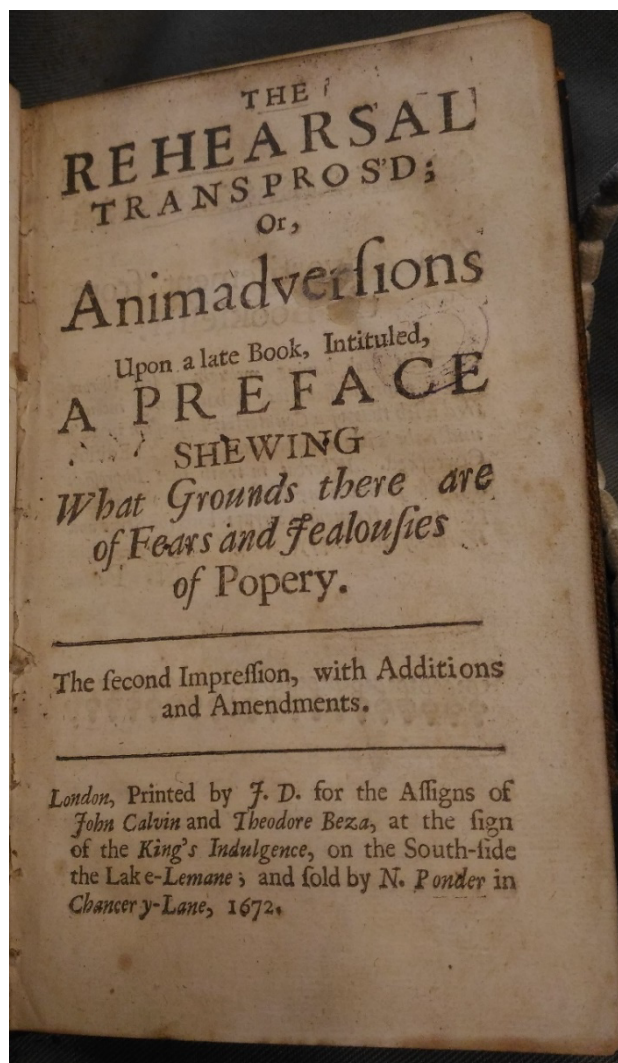


Figura 2 – Chetham's Library, Byrom H.3.72.

O verso da folha de rosto (ver Figura 3) também trazia novas informações sobre o contexto de publicação da obra. Uma nota de Nathaniel Ponder falava das “muitas dificuldades” para a confecção do texto e alertava para a circulação de uma contrafação, publicada em um duodécimo³⁷ de pouco mais de 180 páginas.³⁸ Certamente, a existência da edição pirata indica o prolífico interesse do público em *The Rehearsal Transpos'd* e a dificuldade em findar sua circulação. Mesmo se Marvell, Darby e Ponder fossem impedidos de produzir suas cópias, outros agentes do mercado livreiro poderiam fazê-lo. Ao mesmo tempo, a nota de Ponder justificava a reimpressão do texto e exercia uma função de controle da sua publicação. Na impossibilidade de proteger seu investimento e exclusividade na produção e comercialização da obra, já que a emissão de um

³⁷ Fórmula colacional: [1], B-I¹², K1-K2. Medidas aproximadas: 15,7cm x 9,4cm.

³⁸ *Idem*, fl.1v. Provavelmente, a edição pirata é: Andrew Marvell. *The Rehearsal Transpos'd: Or, Animadversions upon a Late Book... The Second Edition, Corrected*. London: Printed by A. B. for the Assigns of John Calvin and Theodore Beza, at the Sign of the Kings Indulgence, on the South side of the Lake Lemans, 1672.

registro lhe fora negada, Ponder reivindicava seu direito no verso da folha de rosto, transformando-o em um instrumento de controle editorial.

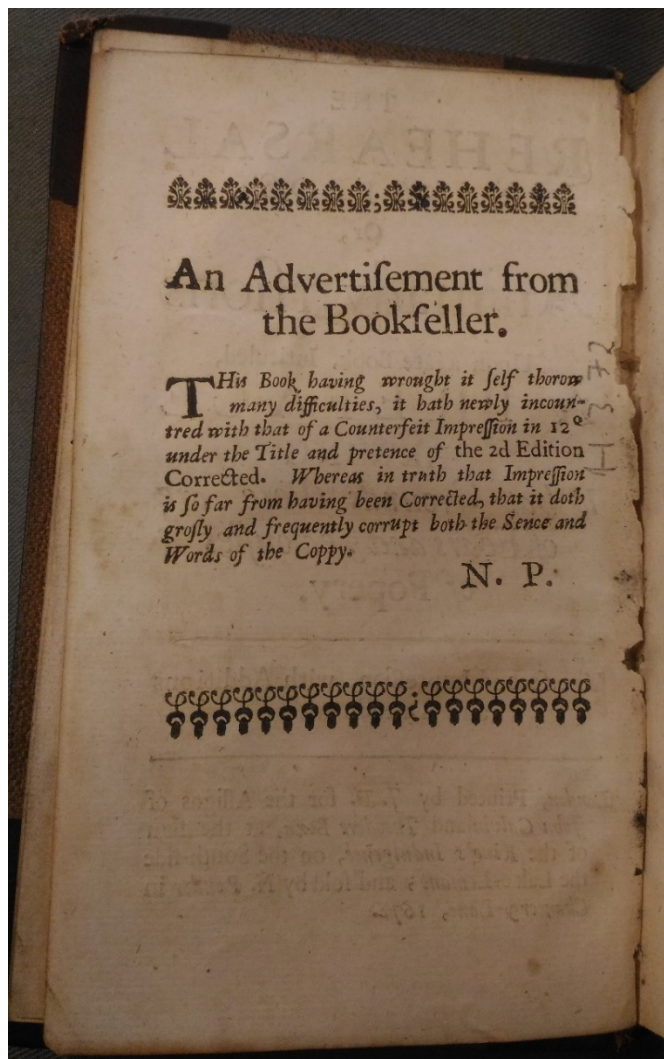


Figura 3 – Chetham's Library, Byrom H.3.72.

Sem as correções e com os novos desafios apresentados nos paratextos de *The Rehearsal Transpros'd*, as disputas em torno da obra continuaram. John Darby e Nathaniel Ponder voltaram a ser perseguidos. Os dois foram processados pela Companhia dos Estacionários em janeiro de 1673. Darby, por possuir mais de três prensas tipográficas em sua oficina, excedendo o limite de duas, proposto pela Lei de Impressão. Ponder foi indiciado por publicações sem licença e de conteúdo sedicioso.³⁹ Andrew Marvell, que, até então, ainda não havia sido identificado pelas autoridades como autor da obra, foi mencionado nos depoimentos de Darby e Ponder à justiça. Marvell, contudo, parece não ter sofrido sanções legais, talvez devido a seu cargo no Parlamento ou à sua proximidade de figuras proeminentes na corte, como o Conde de Anglesey e o

³⁹ Stationers' Company. *Court Book D*, op. cit., fl.210-211.

Conde de Shaftesbury, Anthony Ashley Cooper (1621-1683), que costumavam endossar suas publicações.⁴⁰

A censura a Marvell apareceria por outras vias. Samuel Parker, o alvo de *The Rehearsal Transpros'd*, publicou sua resposta, intitulada *A Reproof To The Rehearsal Transposed* logo no início de 1673. Embora a autoria de Parker fosse reconhecida, a folha de rosto propositalmente ocultava seu nome (mas, interessante observar, no exemplar reproduzido na Figura 4, algum leitor adicionou a informação faltante). A omissão não é acidental ou eventual, ao contrário, estabelece o cenário da disputa, no qual há um diálogo direto com a folha de rosto de *The Rehearsal Transpros'd*: o debate colocado é entre texto e texto ("autor de" vs. "autor de"). A folha de rosto é completada por uma grande gravura, que exhibe o brasão oficial da monarquia Stuart, reivindicando a associação à coroa e, por conseguinte, à Igreja Anglicana, da qual Parker era integrante. O recurso ao brasão visava proteger o texto, sugerindo que *A Reproof* se tratava de uma resposta oficial e autorizada a *The Rehearsal Transpros'd*. Embora Carlos II tenha oferecido apoio à sátira, graças à intercessão de Anglesey, Parker reivindicava a expressão de um apoio análogo pela legalidade de sua impressão, confirmada por todas as autoridades estabelecidas.

No prefácio de *A Reproof*, Parker justificou sua publicação, argumentando que, anteriormente, havia tentado "*expor a ignorância do homem* [autor de *The Rehearsal Transpros'd*], *sem zombar dela*". Mas com a persistência das suas publicações ridículas, o clérigo e licenciador via-se agora na necessidade de, "*sem violar as Leis do Decoro, [...] dialogar com um Palhaço [...] sem ser rude ou raivoso*", para corrigir seus erros.⁴¹ A reprovação às colocações de *The Rehearsal Transpros'd* era fundamental, pois a obra mostrava-se potencialmente perigosa à manutenção da ordem e da paz no reino. Parker defendia a uniformidade religiosa sob a Igreja Anglicana, argumentando que essa era a melhor forma de garantir a lealdade ao rei, prevenindo rebeliões sangrentas como a da década de 1640. Por essa razão, as mais de 500 páginas de *A Reproof*, lançadas em oitavo⁴², dedicavam-se a enaltecer as Leis Penais da década de 1670, que impediam a prática do catolicismo e de outras confissões protestantes que não a anglicana.

⁴⁰ Historical Manuscript Commission. *Fourth Report of the Royal Commission on Historical Manuscripts*. London: Her Majesty's Stationery Office, 1874, p. 234.

⁴¹ No original: "*to expose the man's Ignorance, without laughing at it*"; "*without violating the Laws of Decorum, and to discourse with a Clown [...] without being rude or angry*". Tradução livre, itálicos do original. Samuel Parker. *A Reproof To The Rehearsal Transposed...* London: Printed for James Collins at the Kings Arms in Ludgate-street, 1673, fl.2v.

⁴² Fórmula colacional: A-LI⁸. Medidas aproximadas: 16,7cm x 10,6cm.

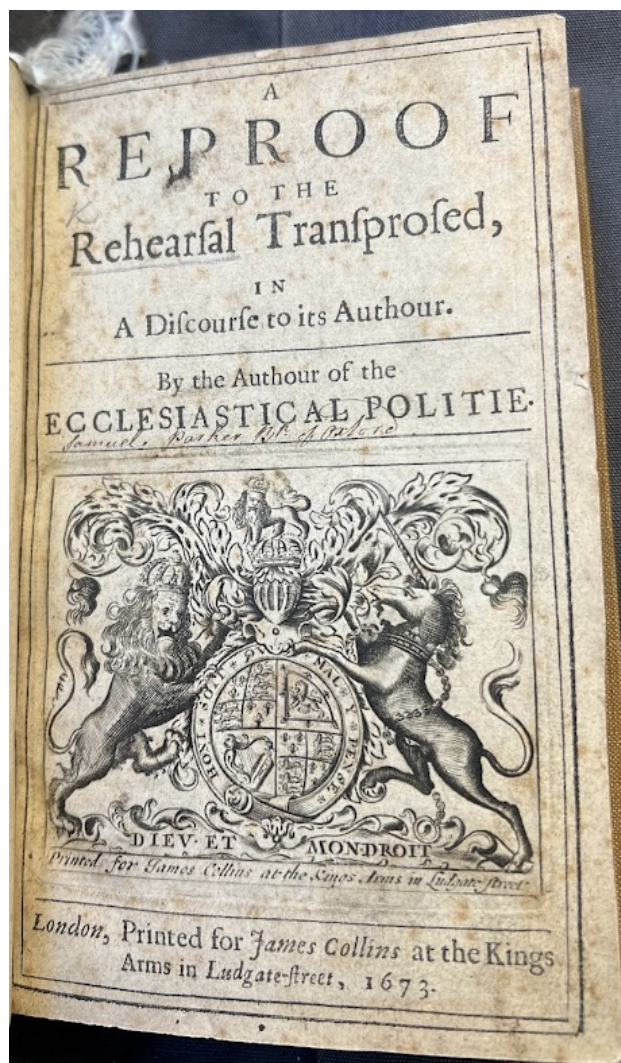


Figura 4 – British Library, 224.c.22.

Parte considerável do livro também combatia as zombarias de Marvell ao caráter de Parker. *The Rehearsal Transpros'd* caluniara o clérigo de diversas maneiras, sugerindo, por exemplo, que Parker era intolerante com relação aos não conformistas, mas não com os devassos, pois considerava os últimos menos perigosos que os primeiros. O zelo moral dos protestantes costumeiramente os levava a associar atos de licenciosidade e devassidão a seus suntuosos inimigos católicos. Assim, a acusação de Marvell não apenas implicava um ataque à moralidade de Parker, mas também à sua própria confissão, colocando em dúvida sua associação com anglicanismo e sugerindo uma aproximação do catolicismo.⁴³ Parker respondia à grave acusação, dizendo que *The Rehearsal Transpros'd* jamais apresentara provas que confirmassem as declarações feitas a

⁴³ Tim Harris. *London crowds in the reign of Charles II: propaganda and politics from the Restoration until the Exclusion Crisis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987; Richard L. Greaves. *Enemies under his feet: radicals and nonconformists in Britain, 1664-1677*. Stanford: Stanford University Press, 1990; Julia Marciari Alexander e Catharine MacLeod (orgs.). *Politics, transgression, and representation at the Court of Charles II*. New Haven: Yale University Press, 2007.

seu respeito. Além disso, o clérigo alegava que suas publicações anteriores atestavam sua retidão e seu compromisso com a doutrina anglicana.⁴⁴

As argumentações de Parker também provocavam o autor de *The Rehearsal Transpros'd*. O clérigo escrevia desafiadoramente que

Se você [...] ou qualquer um tiver algo a objetar, saibam que a Imprensa está aberta, façam o seu pior, pois isso desafia todas as suas Forças; mas, se valorizam sua própria reputação, deixem de incomodar a mim e ao mundo com tais suposições tolas e infantis.⁴⁵

Parker pretendia calar seus oponentes, acreditando que não aceitariam seu desafio. Embora admitisse que a prensa estava aberta, Parker apostava na possibilidade de o autor e os editores de *The Rehearsal Transpros'd* preferirem proteger suas reputações e silenciar. Contudo, Marvell optou por reagir à crítica do clérigo. Em uma correspondência a seu colega, o parlamentar Sir Edward Harley (1624-1700), o autor mencionou a profusão de livros contrários a *The Rehearsal Transpros'd* e pediu conselhos sobre como poderia respondê-los.⁴⁶ Desconhecemos a resposta de Harley, mas o fato é que Marvell não demorou a publicar contra a censura que sofrera publicamente. Novamente em parceria com John Darby e Nathaniel Ponder, Marvell publicou a segunda parte da sátira, impressa em um duodécimo⁴⁷ de 376 páginas.

Dessa vez, a folha de rosto da obra (Figura 5) não escondia os nomes de seus principais responsáveis: a autoria de Marvell e a edição de Ponder estavam explícitas. Além disso, estavam impressas informações adicionais sobre o contexto de publicação de *The Rehearsall Transpros'd: The Second Part*. Abaixo do título, lia-se que a obra foi lançada para responder a dois textos. O primeiro era *A Reproof*, “[...] de um autor sem nome”.⁴⁸ Certamente, Marvell, Darby e Ponder conheciam a autoria de Parker, mas optaram por suprimi-la, uma vez que o nome do clérigo também não havia sido utilizado na folha de rosto de *A Reproof*. Se a atitude de Parker inicialmente pretendia enfatizar o embate entre os dois textos, agora, quando Marvell reivindicava a autoria de *The Rehearsal Transpros'd*, a supressão do nome de Parker sugeria mais um escárnio: Parker não merecia ser nomeado e, portanto, não teria sua autoridade reconhecida.

⁴⁴ Samuel Parker. *A Reproof*, op. cit. pp. 65-67.

⁴⁵ No original: “If you [...] or any body else have ought to object against it, you know the Press is open, do your worst, it defies all your Forces; but as you value your own credit hereafter cease to trouble me and the world with such silly and childish surmises.” Tradução livre. *Idem*, p. 67.

⁴⁶ Historical Manuscripts Commission. *Fourteenth Report of the Royal Commission on Historical Manuscripts. Part II*. London: Her Majesty’s Stationery Office, 1894, p. 337.

⁴⁷ Fórmula colacional: [2], A-P¹², Q1-Q6. Medidas aproximadas: 16cm x 9,6cm.

⁴⁸ No original: “[...] by a nameless Author”. Tradução livre, itálicos do original. Andrew Marvell. *The Rehearsall Transpros'd. The Second Part*. London: Printed for Nathaniel Ponder at the Peacock in Chancery Lane near Fleet-Street, 1673. fl.2v.

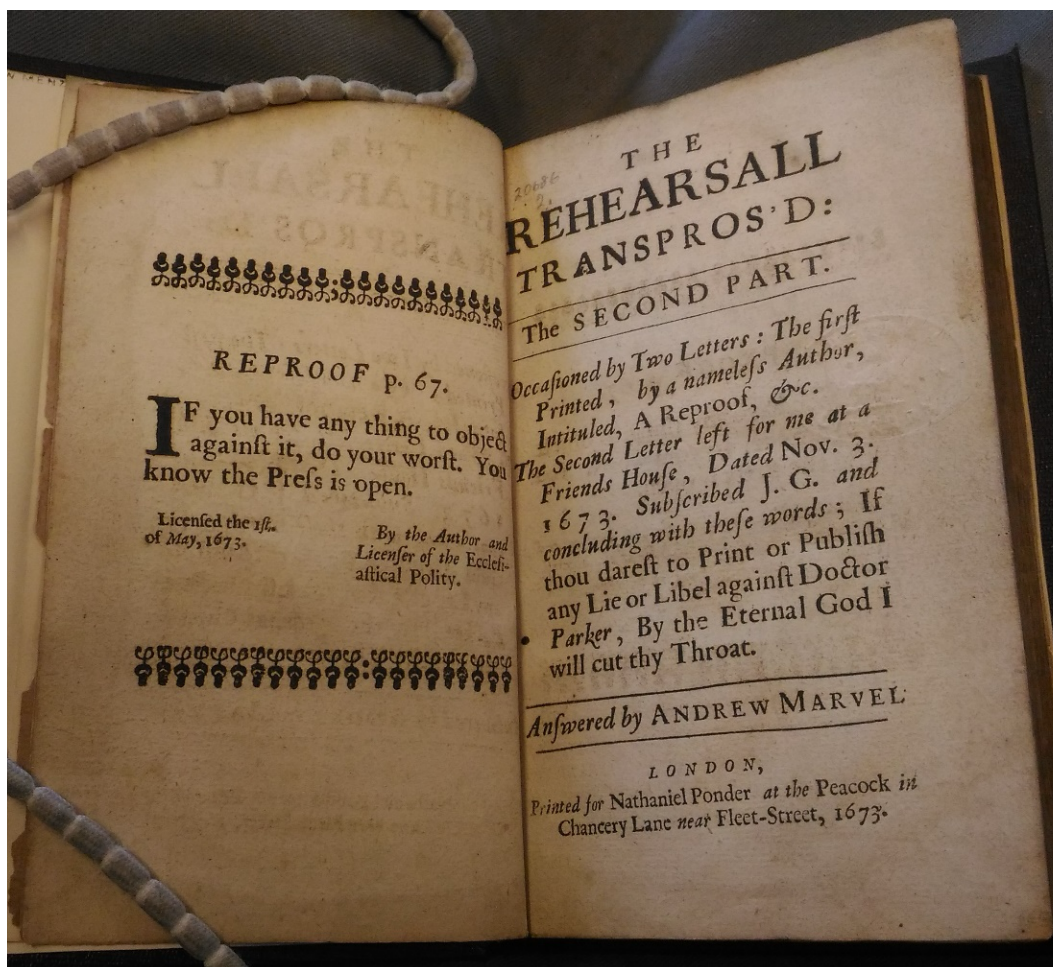


Figura 5 – Chetham’s Library, Byrom 2.I.2.1.

O segundo texto ao qual Marvell respondia era uma carta ameaçadora a ele endereçada. A epístola assinada por J. G. terminava dizendo: “Se ousar Imprimir ou Publicar qualquer Mentira ou Libelo contra o Doutor *Parker*, Por Deus Eterno, eu cortarei sua Garganta”.⁴⁹ Aqui, mesmo que o clérigo não fosse o autor da ameaça, seu nome aparecia vinculado a ela, atribuindo a ele a culpa por qualquer violência que Marvell pudesse vir a sofrer. Na folha de rosto da segunda parte de *The Rehearsal Transpros’d*, portanto, Samuel Parker é destituído de sua autoridade enquanto erudito ou clérigo, recebendo no seu lugar o atributo de potencial criminoso, que, sem condições de combater Marvell nas guerras de papel, apelava para a violência física.

Antes da folha de rosto, também foi incluída uma nota (ver Figura 5). Aquilo que deveria ser o *imprimatur* da obra, licenciada em 1º de maio de 1673, continha também uma citação extraída de *A Reproof*. Em tipos de tamanhos maiores do que os que foram usados para demarcar a licença de publicação, estava uma citação adaptada de Parker: “Se você tiver algo a objetar, faça o seu

⁴⁹ No original: “If thou darest to Print or Publish any Lie of Libel against Doctor *Parker*, By the Eternal God I will cut thy Throat.” Tradução livre, itálicos do original. *Idem*.

pior. Saiba que a Imprensa está aberta”.⁵⁰ Isolada e destacada junto à licença, a frase desafiadora de Parker a Marvell era subvertida e ganhava novos sentidos. Se, anteriormente, ela fora usada por Parker para intimidar Marvell; ela era agora repetida para declarar que Marvell e seus editores, Darby e Ponder, aceitavam o desafio: responderiam publicamente àqueles que os censurassem, fosse pelas licenças e registros negados, fosse pelo embate público do circuito das letras. A estrutura censora — representada pela Companhia dos Estacionários e por Roger L’Estrange, que tentaram evitar a circulação de *The Rehearsall Transpros’d*; e por Samuel Parker, licenciador e clérigo da Igreja Anglicana, que tentara calar a voz dos não conformistas — era aqui desafiada. De *imprimatur*, o paratexto em questão era transformado em escárnio às autoridades, demonstrando sua ineficácia no controle das informações e dos debates públicos.

A abertura da imprensa

Ao utilizar a citação de Parker na licença de *The Rehearsall Transpros’d: The Second Part*, Marvell, Darby e Ponder a reinvestiam de sentido. Eles sugeriam que se a imprensa estava aberta, ela já não poderia ser fechada. As atitudes censórias só poderiam ter um alcance limitado frente à disponibilidade dos impressos e à sua potencialidade de circulação e mobilização. Em outras palavras, a imprensa estava bem estabelecida, era acessível e comum a todos. Por conseguinte, as contendas acerca de assuntos de interesse geral (como a política e a religião) não poderiam se resolver na mesa dos censores, mas deveriam se realizar única e exclusivamente pela imprensa, em público, à vista de todos.

Tal noção assemelha-se à defendida por John Milton (1608-1674) em *Areopagitica* (1644). No tratado em que proclamara a possibilidade de falar e escrever “[...] livremente de acordo com a consciência”⁵¹, e sem a interferência e o julgamento de licenciadores, Milton argumentava que não era preciso temer a existência de livros ruins e reprováveis, pois eles não sobreviveriam. Acabariam sendo substituídos pelas boas obras. Além disso, quando lidos, mesmo os textos ruins ainda poderiam servir para algo bom, se seus leitores fossem judiciosos. Seria, portanto, o tribunal público de leitores o responsável pelo expurgo das más obras, não os censores, dos quais Milton duvidava da infalibilidade e incorruptibilidade.

Os paratextos de *The Rehearsall Transpros’d: The Second Part*, de forma análoga, colocavam em dúvida o poder de julgo dos agentes da censura e clamavam por outro: o do público. A disputa entre Parker e Marvell — e, no

⁵⁰ No original “If you have any thing to object against it, do your worst. You know the Press is open.” Tradução livre. Andrew Marvell. *The Rehearsall Transpros’d. The Second Part*, op. cit. fl.1v.

⁵¹ No original: “[...] freely acoording to conscience”. Tradução livre. John Milton. *Areopagitica*... London: Printed in the Year, 1644, p. 35.

limite, entre a uniformidade religiosa e o não conformismo — não deveria ser arbitrada por outrem que não o próprio público, interessado naquela discussão impressa e aberta.

A evidência da importância desse público, contudo, não se refere à identificação da emergência de uma esfera pública, tal como a descrita por Jürgen Habermas. A “esfera pública burguesa” habermasiana, identificada a partir de meados do século XVIII, implicaria a reunião de pessoas privadas, iguais e livres, para debater com o poder público as “regras universais das relações vigentes”.⁵² Não pretendemos alargar a definição de Habermas para incluir outras experiências, como as do mercado livreiro inglês dos seiscentos, no qual não evidenciamos exatamente as mesmas condições e estruturas determinadas pelo teórico.⁵³ Mais interessante parece perceber a importância do público a partir de outro caminho, proposto por Luciana Villas Bôas ao pensar a própria história do conceito de esfera pública. Como apresentado pela autora, na língua alemã, havia uma profícua relação entre os termos “público” e “aberto”.⁵⁴ O mesmo pode ser encontrado em outras línguas, como o francês e o inglês. De fato, *to open* e *to publish* aparecem como sinônimos em diferentes dicionários da Época Moderna.⁵⁵ Disso decorre a possibilidade de pensar a concepção de esfera pública no sentido do espaço daquilo que é aberto, visível e comum, em oposição ao que é vedado à discussão.⁵⁶

Na Época Moderna, o mundo dos impressos tornava visíveis os assuntos de interesse geral e, nesse ambiente, o ato de publicar era fundamental. Como defendido por Hélène Merlin-Kajman, publicar ou “[...] dar ao público uma obra significa trabalhar, enquanto letrado, pelo bem público, oferecê-la ao povo, à ‘coisa pública’, colocá-la entre os bens públicos”.⁵⁷ Ao publicar as duas partes de *The Rehearsal Transpros’d*, Marvell e seus editores ofereciam algo ao público: uma defesa da tolerância religiosa em meio a um contexto de múltiplas tensões em torno da necessidade (ou não) da uniformidade confessional, no qual nem mesmo o rei e o Parlamento concordavam. Marvell, Darby e Ponder pretendiam

⁵² Jürgen Habermas. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa*. São Paulo: Unesp, 2014, p. 135.

⁵³ Para outros usos da noção habermasiana de esfera pública, ver: Alexandra Halasz. *The marketplace of print: pamphlets and the public sphere in early modern England*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997; Peter Lake; Steve Pincus. *The politics of the public sphere in early modern England*. Manchester: Manchester University Press, 2012.

⁵⁴ Luciana Villas Bôas. “O aberto e a esfera do público: notas sobre a história do conceito e da sua tradução”. *Outra Travessia*, 1, 33 (2022), pp. 179–205.

⁵⁵ Verônica Calsoni Lima. *Revolução em papel e tinta: livros e panfletos radicais durante a Revolução Inglesa (1640-1660)*. Curitiba: UFPR, 2024; Koen Vermeir. “Openness versus secrecy? Historical and historiographical remarks”. *The British Journal for the History of Science*, 45, 2 (2012), pp. 165–188. Ver também verbetes dos termos *open* e *publish* no *Oxford English Dictionary*, disponível em: <https://www.oed.com>. Acesso em 21 de novembro de 2025.

⁵⁶ Luciana Villas Bôas. “O aberto e a esfera do público”, *op. cit.*

⁵⁷ Hélène Merlin-Kajman. “Le public: quelques réflexions historiques”. In: Daniel Cefaï e Dominique Pasquier (orgs.). *Le sens du public*. Paris: Presses Universitaires de France, 2003, pp. 101-112, p. 105.

estabelecer um diálogo, que se daria em um espaço aberto, em torno de algo tão caro e importante. Quem discordasse de suas visões, não o deveria fazer de modo privado e escondido, mas aberto e à vista de todos. Que fizesse “o seu pior”, mas o fizesse por meio da “Imprensa aberta”, garantindo a possibilidade do debate.

As licenças, as folhas e rosto e os prefácios analisados aqui demonstram esse intenso embate pelo público, desafiando a censura e as estruturas de poder. Se, como argumentamos, a paratextualidade nos possibilita mirar a sociedade que produz e atravessa os artefatos impressos na Época Moderna, o caso de *The Rehearsal Transpros'd* é paradigmático.⁵⁸ Ele não apenas evidencia as disputas, mas demonstra como, de forma inventiva, os sujeitos do mercado livreiro usavam o material preambular para explorar sentidos diversos. Marvell, Darby e Ponder tinham muito clara a abertura da imprensa e reivindicavam seu espaço para mobilizar opiniões diversas e interferir na coisa pública. E é por meio da paratextualidade, que aqui adquire importância quase autônoma, que podemos encontrar suas propostas.

Referências

- ABREU, Márcia. “Ler como censor: censura em Portugal, na França e no Vaticano entre o final o século XVIII e o início do XIX”. *ArtCultura*, 24, 44 (2022), pp. 43-60.
- A Common-place-book out of The rehearsal transpros'd digested under these several heads... London: Printed for Henry Brome, at the Gun at the West end of St. Pauls, 1673.
- ALEXANDER, Julia Marciari; MACLEOD, Catharine (orgs.). *Politics, transgression, and representation at the Court of Charles II*. New Haven: Yale University Press, 2007.
- ALMEIDA, Isabel. “O que dizem ‘licenças’. Ecos da fama da Clavis Prophetarum”. *Românica*, 18 (2009), pp. 27-57.
- An Apology and advice for some of the clergy, who suffer under false and scandalous reports written on the occasion of the second part of The rehearsal transpros'd... London: Printed for A. E., 1674.
- BARDLE, Stephen. *The Literary Underground in the 1660s: Andrew Marvell, George Wither, Ralph Wallis, and the World of Restoration Satire and Pamphleteering*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- BOUZA, Fernando. *Dásele licencia y privilegio: Don Quijote y la aprobación de libros en el Siglo de Oro*. Madrid: Ediciones Akal, 2020.
- “Charles II, 1662: An Act for preventing the frequent Abuses in printing seditious treasonable and unlicensed Bookes and Pamphlets and for regulating of Printing and Printing Presses”. In: RAITHBY, John (ed.). *Statutes of the Realm*. Vol. 5: 1625-80. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/statutes-realm/vol5/pp428-435>. Acesso em 30 de maio de 2019.
- DE KREY, Gary Stuart. “The First Restoration Crisis: Conscience and Coercion in London, 1667–73”. *Albion*, 25, 4 (1993), pp. 565–580.
- DE KREY, Gary Stuart. *London and the Restoration, 1659-1683*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

⁵⁸ Andréa Doré, André de Melo Araújo, Thomás A. S. Haddad, Verônica Calsoni Lima e Luís Filipe Silvério Lima. “Paratextos e Paratextualidade na Época Moderna”, *op. cit.*

- DORÉ, Andréa; ARAÚJO, André de Melo; HADDAD, Thomás A. S.; LIMA, Verônica Calsoni; LIMA, Luís Filipe Silvério. "Paratextos e Paratextualidade na Época Moderna: Limiares, Funções e Transformações". In: *Anais do Museu Paulista*, 33 (2025), p. 1-35.
- DZELZAINIS, Martin. "Andrew Marvell and the Restoration Literary Underground: Printing the Painter Poems". *The Seventeenth Century*, 22, 2 (2007), pp. 395-410.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Cotia: Ateliê, 2009.
- GREAVES, Richard L. *Enemies under his feet: radicals and nonconformists in Britain, 1664-1677*. Stanford: Stanford University Press, 1990.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa*. São Paulo: Unesp, 2014.
- HALASZ, Alexandra. *The marketplace of print: pamphlets and the public sphere in early modern England*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- HAMBURGUER, Philip. "The Development of the Law of Seditious Libel and the Control of the Press". *Stanford Law Review*, 37, 3 (1985), pp. 661-765.
- HARRIS, Tim. *London crowds in the reign of Charles II: propaganda and politics from the Restoration until the Exclusion Crisis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- HARRIS, Tim. *Restoration: Charles II and his kingdoms, 1660-1685*. London: Penguin, 2006.
- HETET, John Stephen Tawhana. *A literary underground in Restoration England: printers and dissenters in the context of constraints, 1660-1689*. Tese de Doutorado em Literatura Inglesa: University of Cambridge, 1987.
- HICKERINGILL, Edmund. Gregory, Father-Greybeard, with his vizard off, or, News from the Cabal in some reflexions upon a late pamphlet entituled, The rehearsall transpros'd... London: Printed by Robin Hood, at the Sign of at the Sign of the He-Cow I. O. if it be not a Bull, on the South-west and by West end of Lake-Iemane and sold by Nath. Brooke at the Angel in Cornhil, 1673.
- HISTORICAL MANUSCRIPTS COMMISSION. *Fourth Report of the Royal Commission on Historical Manuscripts*. London: Her Majesty's Stationery Office, 1874.
- HISTORICAL MANUSCRIPTS COMMISSION. *Fourteenth Report of the Royal Commission on Historical Manuscripts. Appendix, Part II*. London: Her Majesty's Stationery Office, 1894.
- HISTORICAL MANUSCRIPTS COMMISSION. *Report on the manuscripts of the late Reginald Rawdon Hastings, Esq. of the Manor House, Ashby de la Zouch. Vol. II*. London: Her Majesty's Stationery Office, 1928.
- HISTORICAL MANUSCRIPTS COMMISSION. *Seventh Report of the Royal Commission on Historical Manuscripts*. London: Her Majesty's Stationery Office, 1879.
- HONE, Joseph. "John Darby and the Whig Canon". *The Historical Journal*, 64, 5 (2021), pp. 1-24.
- KELLIHER, W. H. "Marvell, Andrew (1621-1678), poet and politician". *Oxford Dictionary of National Biography*, 2004. Disponível em: <https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-18242>. Acesso em 22 de julho de 2025.
- KEYMER, Thomas. *Poetics of the Pillory: English Literature and Seditious Libel, 1660-1820*. Oxford: Oxford University Press, 2019.
- LAKE, Peter; PINCUS, Steve. *The politics of the public sphere in early modern England*. Manchester: Manchester University Press, 2012.
- LANDER, Jesse M. *Inventing polemic: religion, print, and literary culture in early modern England*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- LEIGH, Richard. *The transproser rehears'd, or, The fifth act of Mr. Bayes's play...* Oxford: Printed for the Assignes of Hugo Grotius, and Jacob Van Harmine, on the North-side of the Lake-Lemane, 1673.
- L'ESTRANGE, Roger. *A Rope for Pol. Or, A hue and Cry afer Marchemont Nedham...* London: Printed in the Year, 1660.
- LIMA, Verônica Calsoni. *Da edição à sedição: a composição e a dispersão de impressos radicais na Inglaterra, 1650-1680*. Tese de Doutorado em História Social: Universidade de São Paulo, 2023.

- LIMA, Verônica Calsoni. *Revolução em papel e tinta: livros e panfletos radicais durante a Revolução Inglesa (1640-1660)*. Curitiba: UFPR, 2024.
- LYNCH, Beth. "Mr. Smirke and 'Mr. Filth': A Bibliographic Case Study in Nonconformity Printing". *The Library*, 1, 1 (2000), pp. 46-71.
- MARTINS, Maria Teresa Esteves Payan. *A censura literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- MARVELL, Andrew. *The Rehearsal Transpros'd: Or, Animadversions Upon a late Book...* London: Printed in the Year, 1672.
- MARVELL, Andrew. *The Rehearsal Transpros'd; Or, Animadversions Upon a late Book... The second Impression, with Additions and Amendments*. London: Printed by J. D. for the Assigns of John Calvin and Theodore Beza, at the sign of the King's Indulgence, on the South-side the Lake-Lemane; and sold by N. Ponder in Chancery Lane, 1672.
- MARVELL, Andrew. *The Rehearsal Transpros'd: Or, Animadversions upon a Late Book... The Second Edition, Corrected*. London: Printed by A. B. for the Assings of John Calvin and Theodore Beza, at the Sign of the Kings Indulgence, on the South side of the Lake Lemans, 1672.
- MARVELL, Andrew. *The Rehearsall Transpros'd. The Second Part*. London: Printed for Nathaniel Ponder at the Peacock in Chancery Lane near Fleet-Street, 1673.
- MCKEON, Michael. "Marvell discovers the public sphere". In: D'ADDARIO, Christopher; AUGUSTINE, Matthew C. (orgs.). *Texts and readers in the Age of Marvell*. Manchester: Manchester University Press, 2018, pp. 56-74.
- MERLIN-KAJMAN, Hélène. "Le public: quelques réflexions historiques". In: CEFAÏ, Daniel Cefaï; PASQUIER, Dominique (orgs.). *Le sens du public*. Paris: Presses Universitaires de France, 2003, pp. 101-112.
- MILTON, John. *Areopagitica...* London: Printed in the Year, 1644.
- Oxford English Dictionary. Disponível em: <https://www.oed.com>. Acesso em 21 de novembro de 2025.
- PARKER, Samuel. *A Reproof To The Rehearsal Transposed, In A Discourse to its Author. By the Author of the Ecclesiastical Politie*. London: Printed for James Collins at the Kings Arms in Ludgate-street, 1673.
- PARKIN, Jon. "Parker, Samuel (1640-1688), bishop of Oxford." *Oxford Dictionary of National Biography*, 2004. Disponível em: <https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-21336>. Acesso em 22 de julho de 2025.
- PATTERSON, Annabel M. *Censorship and Interpretation: The Conditions of Writing and Reading in Early Modern England*. Madison: University of Wisconsin Press, 1984.
- PERCEVAL-MAXWELL, Michael. "Annesley, Arthur, first earl of Anglesey (1614-1686), politician". *Oxford Dictionary of National Biography*, 2004. Disponível em: <https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-562>. Acesso em 24 de julho de 2025.
- PINCUS, Steven. *1688: The First Modern Revolution*. New Haven: Yale University Press, 2009.
- SCOTT, Jonathan. *Algernon Sidney and the Restoration crisis, 1677-1683*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- SIEBERT, Frederick Seaton. *Freedom of the Press in England, 1476-1776*. Urbana: University of Illinois Press, 1965.
- SMITH, Nigel. *Andrew Marvell: the chameleon*. New Haven: Yale University Press, 2010.
- STATIONERS' COMPANY. *Court Book D*. London, 1654-1679.
- S'too him, Bayes, or, Some observations upon the humour of writing Rehearsals transpros'd. Oxford: [s. n.], 1673.
- STUBBE, Henry. *Rosemary & Bayes, or, Animadversions upon a treatise called, The rehearsall trans-prosed...* London: Printed for Jonathan Edwin, at the Three Roses in Ludgate-street, 1672.
- VERMEIR, Koen. "Openness versus secrecy? Historical and historiographical remarks". *The British Journal for the History of Science*, 45, 2 (2012), pp. 165-188.
- VILLAS BÔAS, Luciana. "O aberto e a esfera do público: notas sobre a história do conceito e da sua tradução". *Outra Travessia*, 1, 33 (2022), pp. 179-205.

VILLIERS, George. The Rehearsal, As it was Acted at the Theatre-Royal. London: Printed for Thomas Dring, at the White-Lyon, next Chancery-lane end in Fleet-street, 1672.

Contribuição recebida em: 26 de agosto de 2025.

Aceita em: 29 de outubro de 2025.